

**RESENHA DO ARTIGO INTITULADO “ENSINO DE EMPREENDEDORISMO  
PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES VULNERÁVEIS”<sup>1</sup>**

*REVIEW OF THE ARTICLE ENTITLED “TEACHING ENTREPRENEURSHIP FOR  
VULNERABLE CHILDREN AND ADOLESCENTS”<sup>1</sup>*

**Clara Wegener<sup>2</sup>**

Faculdade Processus – DF (Brasil)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4474643078416343>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8190-9846>

E-mail: [clarawegener57@gmail.com](mailto:clarawegener57@gmail.com)

**Resenha da obra:**

AVENI, Alessandro; Ensino de empreendedorismo para crianças e adolescentes vulneráveis. **Revista Processus De Políticas Públicas E Desenvolvimento Social**. Ano 2019, Vol. I, n. 1, jan/jun., 2020.

**Resumo:**

Esta é uma resenha do artigo intitulado “Ensino de empreendedorismo para crianças e adolescentes vulneráveis”. Este artigo é de autoria de: Alessandro Aveni. O artigo aqui resenhado foi publicado no periódico “Revista Processos De Políticas Públicas E Desenvolvimento Social”, no Ano 2019, Vol. I, n. 1, jan./jun., 2020.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo social. Tecnologia social. Vulnerabilidade. Ensino de Empreendedorismo.

**Abstract**

*This is a review of the article entitled “Teaching Entrepreneurship for Vulnerable Children and Adolescents”. This article is by: Alessandro Aveni. The article reviewed here was published in the journal “Processes of Public Policies and Social Development Magazine”, in 2019, Vol. I, n. 1, Jan./Jun., 2020.*

**Keywords:** Social entrepreneurship. Social technology. Vulnerability. Entrepreneurship Teaching.

---

<sup>1</sup> A revisão linguística desta resenha foi realizada por Roberta dos Anjos Matos Resende

<sup>2</sup> Graduando em Direito pela Faculdade Processus.

### Resenha

Esta é uma resenha do artigo intitulado “Ensino de empreendedorismo para crianças e adolescentes vulneráveis”. Este artigo é de autoria de: Alessandro Aveni. O artigo aqui resenhado foi publicado no periódico “Revista Processos De Políticas Públicas E Desenvolvimento Social”, no Ano 2019, Vol. I, n. 1, jan./jun., 2020.

Quanto ao autor deste artigo, conheçamos um pouco acerca do currículo dele. Muito do que compõe a formação ou a experiência de um autor contribui para a reflexão temática dos temas aos quais se propõe a escrever. Conheçamos, então, um pouco sobre este autor.

O autor deste artigo é Alessandro Aveni. Doutor em Ciências Políticas Universidade Statale de Milano, em Administração pela Universidade Cormeciale Luigi Bocconi di Milano, Mestre em Geografia e Graduação em Administração pela UNB. CV: <http://lattes.cnpq.br/0679425851663633>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6266-6818>.

O artigo é dividido nos seguintes capítulos: Resumo, Palavras-chave, *Abstract*, *Keywords*, *Resumen*, *Palabras-chave*, Introdução, Referencial teórico, Desenvolvimento, Discussão, Considerações finais e Referências. O presente trabalho é segmentado em quatro blocos: o primeiro faz é a metodologia utilizada; o segundo traz o referencial teórico sobre o ensino do empreendedorismo; o terceiro explica a metodologia da pesquisa e no quarto são analisados os resultados da pesquisa com a comparação entre diferentes metodologias de ensino de empreendedorismo para jovens encontradas no Brasil, por fim, a conclusão encerra o trabalho.

No resumo deste artigo consta:

A pesquisa mostra uma análise de três propostas brasileira em ensino de empreendedorismo para crianças e adolescentes. O objetivo é verificar as propostas de um ponto de vista de práticas ativas e sucessivamente sobre a viabilidade da proposta para população de baixa renda e população vulnerável. O resultado mostra avanços nas propostas e nas práticas com algumas limitações. Entretanto em relação ao ensino para setores de baixa renda e vulneráveis não se encontrou uma proposta específica, mas genérica e, portanto, não adequada. O trabalho pode avançar com análise de práticas de organizações do terceiro setor que são apontadas como possíveis entidades cuja atividade perto dos casos de baixa renda e vulnerabilidade, podem resultar em práticas viáveis. Entretanto o foco dessas propostas deve ser relacionado a empreendedorismo familiar orientado a uma profissão autônoma e para formalizar estes empreendimentos (AVENI, 2019, P.49).

O tema do artigo é: “Ensino de empreendedorismo para crianças e adolescentes vulneráveis”. Discutiu o seguinte problema: avaliar e comparar várias iniciativas de ensino empreendedor em todas as faixas etárias. O artigo partiu da hipótese de que não há uma metodologia de ensino para crianças e adolescentes

vulneráveis que possa ser usada para organizações sem fins lucrativos que tenham como objetivo educacional o impacto social.

No artigo, o objetivo geral foi verificar as propostas do ensino de empreendedorismo para a população de baixa renda e a população vulnerável. Os objetivos específicos: foram como a educação incentiva o empreendedorismo para a formação de profissionais na área; e de que forma seria possível incluir uma metodologia que trate deste ensino para a população vulnerável no país, uma vez que o Brasil carece da mesma.

A temática da pesquisa contou com a seguinte justificativa: na presente pesquisa foi concluído que há falta, na literatura acadêmica, de propostas segmentadas de ensino de empreendedorismo em caráter social, necessárias para que o trabalho de organizações de fomento ao empreendedorismo possa ser ampliado para o terceiro setor e para a economia solidária.

A metodologia utilizada para a construção da pesquisa utilizada no artigo aqui analisado foi de teor bibliográfico e documental.

O primeiro capítulo da obra trata o referencial sobre o ensino de empreendedorismo. No início de sua pesquisa, o autor acrescentou que no Brasil a expansão do incentivo ao empreendedorismo teve início na década de 1990, durante esse período o Brasil criava um Serviço De Apoio Às Micro E Pequenas Empresas (SEBRAE) e Associação Brasileira de Exportação de Software (*Softex*). Antes disso o tema não era abordado em âmbito nacional. Contudo, vários pesquisadores, escolas e instituições políticas abordavam o tema de várias formas, como: para a escola McClelland (1987), as três categorias de comportamento relacionadas aos empreendedores são: realização, planejamento e poder; conforme aduz Dolabela (2008), ensinar alguém a se tornar um empreendedor não é apenas transmitir conhecimento, mas, mais importante, cultivar as atitudes, comportamentos e visões de mundo dos alunos e preparar os alunos para correr riscos, de preferência, controláveis; segundo Fillion (2003), transforma-se em ensino um conjunto de práticas que podem garantir a geração de riqueza e melhores resultados de desenvolvimento da sociedade que a apoia e pratica; nas palavras da Comissão Europeia (2012), a educação para o empreendedorismo é uma educação que auxilia os alunos a desenvolver a criatividade e a atitude para agir diante dos problemas envolventes, e por fim Dornelas (2014) ressalta que os cursos de empreendedorismo devem se concentrar na identificação e compreensão das habilidades empreendedoras e do pensamento crítico por meio da identificação e análise de oportunidades, e do processo criativo. O ensino do empreendedorismo deve ocorrer com a prática e auxílio de empreendedores formados para haver discussões sobre o tema e não somente via *internet* ou sala de aula. Em outras palavras, é preciso buscar uma metodologia prática e não apenas teórica.

No segundo capítulo, o autor de forma relevante nos aduz que em um país como o Brasil o desenvolvimento econômico ainda não está formalizado e, em

comparação com os setores mais avançados de outros países, coexistem setores subdesenvolvidos e setores atrasados, como o terceiro setor. O terceiro setor é constituído por um grupo de pessoas denominado grupos vulneráveis, usualmente considerado um setor desestruturado porque não é afetado por ajustes precisos e controlados e se caracteriza por ações e compromissos orientados por valores de pessoas que atuam em seu interior. Outros pesquisadores como Defourny e Monzon (1942) definem de forma clara que esse departamento é composto por organizações com objetivos específicos, essas organizações têm objetivos rígidos para o bem-estar da comunidade, iniciados por um grupo de cidadãos, em que o capital monetário é restrito. Para Corry (2010), há uma visão híbrida de que o terceiro setor é um misto de empresa, sociedade e organizações públicas, pode ser considerado uma forma de comunicação entre diferentes sistemas sociais, ou entre diferentes atores como uma área de diálogo.

A visão ontológica do terceiro setor no Brasil é denominada Marco Regulatório do Terceiro Setor (MROSC), que é um marco legal a partir da Lei n.º 9.637, de 15 de maio de 1998, que tem a função de regulamentar a transferência de recursos públicos para as organizações, exigindo a cooperação mútua para a consecução do objetivo de interesse público e de benefício recíproco. A visão crítica de todos os autores é que na educação para o empreendedorismo de pessoas desfavorecidas ou de baixa renda, a maioria dos cursos administrativos ainda ensina uma visão estreita do capitalismo, e a geração de valor compartilhado implica uma nova abordagem na gestão. Dessa forma, conforme elucida Drucker (1989), para que os empreendedores sociais organizem melhor suas criações, cinco etapas são necessárias: definir a missão, definir o desempenho esperado, gerenciar o desempenho, gerenciar pessoas e relacionamentos, e se autodesenvolver.

Por fim, vale ressaltar que pessoas de baixa renda, especialmente pessoas vulneráveis, geralmente não são empresários por falta de fundos, conseguiram criar uma empresa no sentido organizacional formal de competição no mercado como artesões, cabelereiras, domésticas, dentre outras, essas profissões autônomas são denominadas microempreendedoras.

Observando o cenário do terceiro capítulo, podemos enaltecer o grande trabalho do Instituto Fazendo Acontecer, fundado em 2016, que tem ajudado e incentivado o empreendedorismo entre crianças e adolescentes com oficinas extracurriculares. O foco desses seminários é a aquisição de habilidades empreendedoras, os alunos são ensinados por meio de muita prática. O *workshop* é baseado em desafios da experiência real. A metodologia proposta se divide em duas etapas: pontual e campanha. A pontual baseia-se em uma reunião de grupo e o desafio proposto é resolver um desafio e adquirir alguma habilidade empreendedora. A campanha tem 5 reuniões e em cada encontro é passado um desafio que deve ser completado. Em outras palavras, o que se espera é testar habilidades, persuadir, construir uma equipe, gerenciar e planejar estratégias.

Ainda nesse capítulo, outro autor brasileiro, Dolabela, mostra sua metodologia “Pedagogia Empreendedora” que consiste no fato de que empreendedores são impulsionados por sonhos que os fazem adquirir habilidades, atitudes e competência, ou seja, a educação não deve ser diretiva, ela tem de direcionar os alunos a buscar seus sonhos e os meios para realizar os mesmos. Para o autor, a metodologia aplicada por ele começa no “Mapa dos Sonhos”, baseado em perguntas como “qual é e como vai realizar seu sonho?” e “quais são as estratégias e suportes que utilizará para realizá-lo”. Esse método considera o processo criativo do empreendedor, não necessariamente para abrir uma loja, mas para a realização de sonhos que podem ou não ter ligação com negócios.

Por fim, de forma clara, o autor apresenta a Educação SEBRAE que é voltada para o Programa Nacional de Educação Empreendedora (PNEE), programa que consolida a realização de ações educativas sistemáticas e organizadas com empresários do Sebrae em todo o país. O SEBRAE aduz que visa construir novos perfis de alunos e fornecer treinamento para desenvolverem habilidades e possibilidades empreendedoras para que continuem integrando o mundo do trabalho. Cabe sintetizar que esse curso orienta os alunos a realizarem seus potenciais empreendedores e incentiva a desenvolver atitudes empreendedoras para planejar o futuro, procurar e aproveitar as oportunidades, integrando o mercado de trabalho ou criando seu próprio negócio. O SEBRAE oferta seis oficinas: Conexões, Oportunidades E Desafios; Eu: Jovem Empreendedor?; Planejar Para Alcançar Resultados; Apresentação Do Plano De Negócios Para O Público Externo; e A Caminho Do Futuro.

O quarto capítulo traz uma discussão muito relevante que ressalta que todos os métodos apresentados são abrangentes e incluídos na metodologia de referência. Mas, a proposta que mais atende a qualidade de ensino pretendida é a do SEBRAE, porém há alguns que precisam ser questionados. O primeiro deles é que a educação do SEBRAE cobre todos os tipos de clientes e segmentos de mercado, em outras palavras, é um serviço diferenciado para pequenas, médias e microempresas, incluindo o trabalhador autônomo, ou seja, não tem como foco a baixa renda e a vulnerabilidade. O segundo ponto são as práticas especificadas no manual que devem ser organizadas pelas instituições que usem o modo de ensino. O setor privado nem sempre oferece espaço para experimentos de alunos, exceto coisas simples de segurança de visitas e estágios. E o último questionamento menciona que o modelo não esclarece a relação entre profissionais e empresários.

Outra abordagem eficaz apresentada no capítulo é se o ensino de empreendedorismo visa um ensino de impacto social, a resposta salienta que escolas públicas e privadas não oferecem apenas educação para crianças e adolescentes desfavorecidos, portanto, o tipo de ensino de empreendedorismo associado não pode ser alcançado por essas pessoas.

Em síntese, o problema é que alguns setores maduros não bastam na economia emergente para que a renda gerada aumente a faixa de renda baixa a ponto de igualar

as faixas mais altas que utilizam vantagens econômicas como cargos públicos e apoio financeiro para manter uma média nacional.

Destarte, o autor relevantemente conclui que os resultados do trabalho indicam um aumento na oferta de cursos de empreendedorismo e preparação para todas as faixas etárias de professores desde a escola primária. Cabe acrescentar que em termos de empreendedorismo social, o terceiro setor, em especial os departamentos e as organizações vulneráveis que cuidam de indivíduos desfavorecidos, e para efeito de tolerância, a proposta não apresenta soluções e sugestões claras, pois é difícil usar o mesmo método para alunos básicos com uma preparação básica para o aprendizado e outros sem tal preparação.

Em síntese, o resultado da pesquisa aponta a falta da hipótese inicial do trabalho, uma metodologia para lidar com o ensino grupos vulneráveis.

### Referências

AVENI, Alessandro. Ensino de empreendedorismo para crianças e adolescentes vulneráveis. **Revista Processos De Políticas Públicas E Desenvolvimento Social**. Ano 2019, Vol. I, n. 1, 2020. Disponível em: <http://periodicos.processus.com.br/index.php/ppds>. Acesso em: 17/10/2021.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Como elaborar uma resenha de um artigo acadêmico ou científico. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**. Vol. 3, n. 7, p. 95–107, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3969652. Disponível em: <http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/41>. Acesso em: 3 ago. 2021

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Modelo de resenha de um artigo acadêmico ou científico. **Revista Processus Multidisciplinar**. Vol. 1, n. 2, p. 04-07, ago. 2020. Disponível em: <http://periodicos.processus.com.br/index.php/multi/article/view/225>. Acesso em: 03 ago. 2021.